

BERNARDO SANTARENO

OBRAS COMPLETAS
2.º VOLUME

♦
ANTÓNIO MARINHEIRO
OS ANJOS E O SANGUE
O DUELO
O PECADO DE JOÃO AGONIA
ANUNCIAÇÃO
♦

ORGANIZAÇÃO, POSFÁCIO E NOTAS
DE LUIZ FRANCISCO REBELLO



Título: Obras Completas — 2.º volume

Autor: Bernardo Santareno

Capa: Delgado Godinho

Orientação gráfica: Secção Gráfica da Editorial Caminho

**Revisão tipográfica: Secção de Revisão
da Editorial Caminho**

**© Bernardo Santareno e Editorial Caminho, SARL
Lisboa, 1985**

Tiragem: 3000 exemplares

Composição e impressão: Guide - Artes Gráficas, Lda.

Data de impressão: Dezembro de 1985

Depósito legal n.º 7002/85

BERNARDO SANTARENO

OBRAS COMPLETAS
2.º VOLUME



ANTÓNIO MARINHEIRO
OS ANJOS E O SANGUE
O DUELO
O PECADO DE JOÃO AGONIA
ANUNCIAÇÃO



Organização, posfácio e notas
de Luiz Francisco Rebello

editorial
CAMINHO

O DUELO

Peça em três actos
e três quadros

1.^a edição, 1961; 2.^a edição, 1974 (Ática).

Representada pela primeira vez em 26 de Fevereiro de 1971, no Teatro da Trindade, pela Companhia do Teatro Nacional, numa encenação de Varela Silva, com cenários de Lucien Donnat, e interpretada por Eunice Muñoz (Rosária), Cecília Guimarães (Mariana), João Perry (Ângelo), Henriqueta Maya (Manuela), Elisa Lisboa (Maria Clara), Rui Pedro (Chico), Rui Represas (José), Fernando Loureiro (Campino), Maria Dulce (Salomé) e Meniche Lopes (Mulher).

Representada no Brasil em 7 de Julho de 1975, no Teatro Castro Mendes, de Campinas, e no subsequente dia 17 do mesmo mês no Teatro Oficina, de São Paulo, numa adaptação e encenação de Roberto Vignati, com cenários de Giani Ratto e interpretada por Ruthinéia de Moraes (Rosália), Etty Frazer (Mariana), António Fagundes (Ângelo), Maria Isabel de Lisandra (Manuela), Eugénia de Domenico (Maria Clara), Agenor Vernin (Chico), Eleu Salvador (José), Clemente Viscaino (Zé Ruço) e Denise Stoklos (Salomé).

«When I thought of Justine I thought of some great freehand composition, a cartoon of a woman representing someone released from bondage in the male.»

LAWRENCE DURRELL (*Justine*).

«L'homme se conçoit-il lui-même comme la victime désarmée de puissances transcendantes, inconnaissables ou invincibles, ou bien plutôt comme le membre actif d'une communauté humaine, au sein de laquelle il lui appartient de jouer son rôle propre, plus ou moins efficace, mais qui, à sa manière, influe toujours sur le destin de l'humanité? Ces questions, ces alternatives, nous les retrouverions à travers toutes les manifestations de la vie et à travers toutes les oeuvres littéraires qui les reflètent...»

GYÖRGY LUKÁCS (*La signification présente du Réalisme Critique*).

Personagens

MANUELA — 25 anos
ÂNGELO — 25 anos
ROSÁRIA — 45 anos
MARIANA — 50 anos
MARIA CLARA — 18 anos
CHICO — 20 anos
JOSÉ — 30 anos
SALOMÉ — 70 anos
1.º CAMPINO — 20 anos
2.º CAMPINO — 25 anos
3.º CAMPINO — 40 anos
ZÉ RUÇO — 24 anos
1.ª RAPARIGA — 22 anos
1.ª VELHA — 60 anos

CAMPINOS, OUTROS RABESANOS, RAPARIGAS e VELHAS

Actualidade

Lezíria — Ribatejo

Primeiro acto

CENÁRIO: *A casa de fora, em habitação humilde de maioral. Ao fundo, a porta da rua: quando aberta, mostra a lezíria e, mais ao longe, o Tejo.*

Verão; meio-dia: luz intensa. Paredes fortemente caiadas de branco.

Como mobiliário, uma cómoda antiga de pinho pintado, uma mesa, cadeiras e uma arca grande. Sobre a cómoda, um relógio alto de madeira, em forma de torre. Em sítio adequado, na parede, um crucifixo grande e negro.

Silêncio: ouve-se apenas o cantar das cigarras, que é vivo e obsidiante. Muito calor.

Cena I

(Ao subir o pano, Rosária, toda vestida de preto, cose uma camisa branca de homem. Está sozinha em cena. A certa altura, deixa cair o pano e, suspirando afogueada, abana-se com o lenço negro que tira da cabeça. Então começa a ouvir-se, cada vez mais intenso, um tumulto de cavalos, toiros e cabrestos em corrida vertiginosa: chocas, relinchos, gritos estimulantes dos campinos, etc. Rosária, de súbito imobilizada a escutar, rígida, mostra no rosto uma expressão crescente de ansiedade. Quando, animais e cavaleiros, passam mesmo em frente da casa, levanta-se bruscamente e fica, varada pelo terror, no meio da cena, as mãos crispadas sobre o peito, a face lívida voltada para os espectadores. Rápida e gradualmente, os ruídos vão-se apagando e, quando já mal se ouvem, batem à porta da rua três pancadas nítidas. Sobressalto em

Rosária, que esboça alguns movimentos para abrir, voltando logo no entanto à atitude anterior: rigidez expectante, medo.)

MARIANA (*de fora*): Ó da casa?! Estás aí, Rosária?...

ROSÁRIA (*alívio, primeiro; depois, outra vez, apreensão; vai até à porta e fica-se com a mão no fecho, inquieta; voz sumida*): Lá vai...

MARIANA: Eh! Rosária?! Abre, mulher!...

ROSÁRIA (*abre, mal se afastando para deixar entrar Mariana, cujo rosto fixa ansiosamente*): Ah! és tu...

MARIANA (*que entra*): Boa tarde, Rosária!

ROSÁRIA (*sempre aflita*): Que foi, Mariana?... (*Silêncio. Voz rouca.*) Por que vieste cá?... Tu não ouves? Que nova me trazes tu hoje?...

MARIANA (*admirada*): Essa agora!... Ó mulher, eu...

ROSÁRIA (*violência seca*): Foi o Ângelo? Foi o meu filho?!...

MARIANA (*sem perceber*): O quê, Rosária? O teu rapaz está doente?...

ROSÁRIA (*alma nova*): Pois não sabes nada, Mariana? Não aconteceu mal ao meu Ângelo?...

MARIANA (*tirando o lenço da cabeça e limpando com ele o suor do pescoço*): Diabos me levem se eu te entendo, mulher! Passei mesmo agora por ele, lá em baixo, na borda do Tejo... e pareceu-me bom... ora, mais que bom!... (*Abanando-se.*) Hi, Jesus! Que dia de calma!... (*Curiosa.*) Mas ouve cá, amiga: sucedeu alguma coisa?... Por que estás tu tão amofinada, Rosária?...

ROSÁRIA (*contente*): Nada, Mariana. Nada, graças a Deus! Eu é que... Mas senta-te, vá lá, descansa o corpo!...

MARIANA (*mirando Rosária, com estranheza*): Tu não andas boa, Rosária...

ROSÁRIA: Não ando não, Mariana: será... será talvez de calor... Ai, tenho aqui duas unhas de ferro cravadas nas fontes! (*Aperta a cabeça entre as mãos.*) Às vezes, parece-me que dou em doida... Também o sol, hoje, é lume!... (*Fica-se a olhar, como que fascinada, a mancha de sol projectada no sobrado, através da porta aberta.*)

MARIANA (*após uns segundos de silêncio, impaciente*): Ó mulher, não fiques aí embasbacada ao sol!?... Cerra-me essa porta! (*Abanando-se.*) Não me lembro dum ano de calor como este... Credo, Santo Nome de Deus! Só talvez naquele

Verão — tens presente? — em que até deu coisa ruim no gado... (*Mutação brusca.*) Ó Rosária, mas que diabo tens tu, mulher?!...

ROSÁRIA: Uma coberta de gelo aqui, no meu coração: não há sol capaz de me derreter!...

MARIANA: Já te mostraste ao médico?...

ROSÁRIA (*encolhendo os ombros, enquanto vai fechar a porta*): Ora, os médicos... médicos!... Estou velha, Mariana. (*Senta-se.*) Velha.

MARIANA: Essa agora! Mais cinco anos que tu tenho eu e...

ROSÁRIA (*amarga*): Quarenta e cinco. Eu só tenho quarenta e cinco, Mariana. E o cabelo todo branco: olha... olha pra istol!...

MARIANA: Não é da idade, amiga: são os sangues.

ROSÁRIA: Pois o meu, o sangue da minha raça, é bom. Tu bem o sabes. Lembras-te da minha mãe, que Deus haja? Quando morreu, andava já à roda dos setenta: pra mais, que não pra menos...

MARIANA: Ainda viva e remexida, que nem égua nova! Aquilo sempre era uma mulher...

ROSÁRIA: Uma mulher, Mariana! Uma grande mulher. Mãe de sete filhos... Olha, a mim, pariu-me ela ali mesmo, no meio do trigo, quando andava a ceifar! Ai, mais valera que...

MARIANA: Estou a vê-la, Rosária: sempre com a carinha na água, risota aqui, bonecrada acolá... Rica ti Cremilda!

ROSÁRIA: Morreu de repente...

MARIANA: Foi um ar mau que lhe deu, não foi?...

ROSÁRIA (*gesto de confirmação*): Não sofreu nada na morte, coitadinha. (*Silêncio.*) Nem na vida, bonda a verdade...

MARIANA: Isso agora!? Trabalhou sempre, até morrer, como um homem...

ROSÁRIA (*violência mordida*): Nem na vida, Mariana.

MARIANA: E olha que o teu pai, quando bebia e tomava o freio nos dentes, era levadinho dum raio... isso é que ele era!...

ROSÁRIA: Era um homem! Era um homem que a acompanhou a vida toda, que... Olha, Mariana, olha que até na morte, até na morte! O meu pai só pôde morrer depois da minha mãe fechar os olhos... Um mês depois, logo um mês depois! (*Silêncio.*) A minha mãe teve sempre o seu homem

ao lado dela, a dar-lhe o respeito, a ganhar-lhe o pão, a castigar-lhe os filhos...

MARIANA (*azeda*): E a malhar-lhe em cima, quando calhava! Pois, que ele era mesmo pra cortesias...

ROSÁRIA (*ímpeto*): Deixá-lo, Mariana, deixá-lo! Isso que tem? (*Suspiro.*) Tomara eu...

MARIANA: Pisadinha de trabalho, cada ano um filho...

ROSÁRIA (*agitada, levantando-se*): Tomara eu, mulher, tomara eu! Cada ano um filho... (*Hirta, lúgubre.*) O meu homem só pôde fazer-me um: faltou-lhe o tempo, Mariana. (*Solução seco.*) Espiga cortada... espiga verde, cortada antes da ceifa...

MARIANA (*inquieta*): Pois eu sinto-me bem assim, Rosária: descansadinha da minha vida, sem sombra de homem à minha volta, sozinha na minha cama... Não há nada que chegue, não há vida melhor!

ROSÁRIA (*rouca, profunda*): Isso é mentira, Mariana!

MARIANA (*despeito, angústia*): Não há vida melhor, digo e redigo! Há mais de quinze anos que aquele trongo abalou prò Brasil: deixou-me só, com duas crianças pequenas! Sozinha, Rosária, sem eira nem beira: olha, com estes dois braços pra trabalhar... Ai, homens, homens! Já lá vão quinze anos... Nunca mais, nem novas, nem mandadas: nem uma nota de vinte mil réis pròs filhos, nem uma letra amiga... Que mil raios o partam! Quero lá saber, Rosária! quero lá saber. Tanto se me dá que esteja vivo, como morto...

ROSÁRIA: Cala-te mulher, cala-te! Quem te dera a ti vê-lo entrar amanhã... hoje mesmo, agora!, pela casa adentro...

MARIANA: Matava-o, Rosária! Bebia-lhe o sangue...

ROSÁRIA: Ai, quem te dera, quem te dera!...

MARIANA (*a chorar*): Não volta. Botou-me ao desprezo, a mim e aos filhos. Nunca mais volta, Rosária!

ROSÁRIA: Sabe-se lá!...

MARIANA (*com raiva*): Não volta!

ROSÁRIA: Está vivo. Ainda não é velho... (*Mudança; suspiro fundo.*) Quem não volta é o meu... nunca mais! (*Silêncio.*) Está morto. Morto e enterrado: ali em cima, naquele cemitério... Fui eu, eu própria, Mariana!, quem lhe abriu a cova, com as minhas mãos: com estas... com estas mãos, que sentiram a quentura e a braveza do seu sangue!... (*Terror.*) Aquelas cornadas eram duas fontes, Mariana! Nada foi capaz de as secar, nada... Ai, as minhas mãos, as minhas tristes

mãos!... Eram dois rios, dois Tejos de sangue, que lhe corriam do peito e do pescoço!... (*Levanta-se.*) E eu só levava três anos de casada... Três anos! (*Silêncio.*) Pensar que foi um toiro, um bruto... Ah, malditos toiros, maldita terra esta! Queria abalar daqui, desta lezíria matadora, hoje! Hoje mesmo... (*Angústia terrível, debruçando-se para Mariana.*) E tenho o outro, Mariana... Tenho o outro!

MARIANA: O teu Ângelo?

ROSÁRIA (*voz gutural, de raiz*): O meu filho... O meu filho único! (*Ouvem-se de novo, ao longe, chocas e cavalgadas.*) Não posso, Mariana! Fico sem pinga de sangue, quando oiço estas correrias de toiros e cavalos... Não posso! (*Silêncio. Pavor.*) Eles matam-mo!...

MARIANA (*num arrepio*): Eles?...

ROSÁRIA: Matam-mo. Eles matam-me o filho.

MARIANA (*a insinuar*): Os toiros?...

ROSÁRIA (*hirta, gelada; com um gesto obstinado da cabeça*): Eles.

MARIANA (*a medo*): Eles... eles gostam do teu filho.

ROSÁRIA (*com ódio*): Também gostavam do meu homem. Também gostavam de mim. Até de mais...

MARIANA: Cala-te, mulher!

ROSÁRIA: Se me calo, estoiro. Rebento, Mariana! morro envenenada com todo este fel que me enche as entranhas... Calada, calada! Eu sou de carne como as mais, não sou de lenho... Ai, não sou de pedra!...

MARIANA: Foi um toiro que matou o teu homem. É sina de campino. Não foi o primeiro, nem será o último...

ROSÁRIA (*sinistra*): Foi. Foi um toiro: um boi mais negro que este pano, e grande... Ai, tão grande, Mariana! Era medonho. Ao longe, não: ali na pastagem, no meio dos outros, era um como qualquer... Mas sozinho? Sim, mulher, separado, sozinho no campo ou na praça?!... Avançava prà gente, com aqueles olhos picados de sangue, a crescer de tamanho, a crescer... até que uma pessoa não via mais nada: era como se a noite caísse de repente e tapasse o Sol!... Grande, o toiro maior que eu já vi...

MARIANA: Ora, Rosária, tu...

ROSÁRIA (*cortando*): Enorme, Mariana! Grande, como a Torre das Cabaças que há em Santarém... Lembras-te dele?

MARIANA: Chamavam-lhe o «Solitário»...